

## Grupo “História de Guaíba”: uma iniciativa de História Pública Digital no *Facebook*

“História de Guaíba” Group: An initiative of Digital Public History on Facebook

Karen Pereira da Silva<sup>1</sup>

### Resumo

O grupo “História de Guaíba” foi criado no *Facebook*, no dia 29 de julho de 2015, por iniciativa do bacharel em Direito Márcio Crestani, com o objetivo de preencher uma lacuna no que diz respeito à divulgação e à disponibilização de informações históricas do município de Guaíba (RS), além de procurar estimular o debate, entre seus cidadãos, sobre a preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade. Prestes a completar 5 anos de existência, o grupo conta com 27 mil participantes, 13 mil postagens compartilhadas e 380 mil curtidas, segundo dados fornecidos pelo próprio *Facebook* ao criador do grupo. Neste artigo, conheceremos um pouco mais de uma iniciativa de história pública digital e sua importância para a construção da memória e da identidade de uma cidade localizada na Região Metropolitana de Porto Alegre.

**Palavras-chave:** Guaíba, história pública digital, *Facebook*.

### Abstract

The group intituled “História de Guaíba” was created on Facebook on July 29th, 2015, at the initiative of the Bachelor of Law Márcio Crestani, with the objective of filling a gap with regard to the dissemination and accessibility of historical information of the municipality of Guaíba, in addition to stimulating the debate on the preservation of the historical and cultural heritage of the city among its citizens. Reaching its 5th year of existence, the group has 27,000 participants, 13,000 shared submissions and 380,000 likes, according to data provided by Facebook itself to the group creator. In this article, we will know a little more about a initiative of digital public history and its importance for the construction of the memory and identity of a city located at Porto Alegre metropolitan area.

**Keywords:** Guaíba, digital public history, Facebook.

*“A maior parte das sociedades considera o passado modelo do presente. Nesta devoção pelo passado há, no entanto, fendas através das quais se insinuam a inovação e a mudança.”*

*Jacques Le Goff*

*“Berço da Revolução Farroupilha”*

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela UFRGS, com período de mobilidade acadêmica na Universidade de Coimbra, Portugal. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. E-mail: escritora.karenpereira@gmail.com.

A atual cidade de Guaíba (RS), antigamente conhecida como “Pedras Brancas”, localizada na Região Metropolitana de Porto Alegre, foi emancipada da condição de 9º Distrito da Capital e fundada oficialmente por decreto do então presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, em 14 de outubro de 1926. Porém, é mais lembrada por um episódio que é muito anterior à sua elevação para a condição de município: a Guerra dos Farrapos (1835-1845)<sup>2</sup>. Na noite do dia 19 de setembro de 1835, parte dos revoltosos farroupilhas reuniu-se na “Casa de Gomes Jardim” (hoje um patrimônio histórico tombado e um ponto turístico muito visitado na cidade) para acertar os últimos detalhes para a tomada de Porto Alegre, fazendo a travessia através do lago para encontrar-se com as tropas de Onofre Pires, que estavam na outra margem.

Esse episódio histórico fez com que um Centro de Tradições Gaúchas (CTG)<sup>3</sup> chamado “Maragato” intitulasse a cidade como “Berço da Revolução Farroupilha” na década de 1960. Em 2011, através de projeto de lei criado por José Sperotto (que no referido ano era deputado estadual e no momento de escrita desse artigo é o prefeito da cidade), Guaíba tornou-se oficialmente “Berço da Revolução Farroupilha”, sendo este o lema da cidade até então. A “Casa de Gomes Jardim” também é conhecida por ter sido o local de falecimento do principal líder farroupilha. Bento Gonçalves (1788-1847) morreu em um dos quartos da casa em 18 de julho de 1847, acometido por uma pleurite. Uma árvore chamada Cipreste permanece em frente à casa desde a época, sendo um dos monumentos naturais

---

<sup>2</sup> A Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha (1835-1845) foi um conflito ocorrido durante o período regencial brasileiro, motivado pela tributação do charque (principal produto da economia sulista) imposta pelo poder central. A elite política local revoltou-se e com a radicalização do conflito proclamou a independência da “República Sul-rio-grandense”. Teve fim após o tratado de paz de “Ponche Verde”. Até hoje permanece como o principal evento histórico da memória do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> O CTG (Centro de Tradições Gaúchas) surgiu muito recentemente na História do Rio Grande do Sul, em 1948, através dos tradicionalistas José Carlos Paixão Cortês e Luís Carlos Barbosa Lessa. Trata-se de um espaço onde se celebra um patrimônio histórico e identitário construído e imaginado da História do Estado, mitificado e centrado na figura do gaúcho.

da cidade e também um de seus símbolos<sup>4</sup>.

Porém, apesar do imenso destaque dado a esse episódio histórico, até mesmo para estimular o potencial turístico do município, a memória de Guaíba não pode se resumir apenas a ele. A cidade, distante cerca de 30 km. da capital do Rio Grande do Sul e com mais de 100,000 habitantes, é rica em histórias, não apenas dos grandes feitos históricos de um passado político distante, mas também das histórias feitas pelos cidadãos comuns, como por exemplo, os que frequentaram o antigo “Cine Gomes Jardim” (que infelizmente já não existe mais, nem sequer o prédio que o abrigou), que sofreram com os impactos da fábrica de celulose que se instalou nos anos 1970, e até hoje causa problemas ambientais, que se divertiram brincando na “maçã” (uma espécie de balanço em formato desta fruta que era a principal atração do Parque da Juventude), que passavam finais de semana se revezando entre a “beira” (calçadão da cidade) e o “Coelhão” (parque que hoje se encontra em processo de deterioração)<sup>5</sup>.

Motivado a resgatar essas histórias, tanto de personalidades quanto das pessoas mais simples e comuns do município, mas que não deixam de ser importantes, o bacharel em Direito Márcio Crestani criou, no dia 29 de julho de 2015, o grupo “História de Guaíba” no Facebook<sup>6</sup>, que no momento da escrita deste

---

<sup>4</sup> Apesar de o artigo abrir diversas possibilidades de discussões pertinentes, para que não haja perda do foco quanto ao assunto aqui tratado, serão indicados ao longo do texto (através das notas de rodapé) artigos que complementam a escrita e que são de grande importância para o debate. No que diz respeito à construção do “mito” em torno da Revolução Farroupilha, evento histórico transformado em uma espécie de artefato político para reforçar o desejo de autonomia do sul com relação ao centro do país, e que se faz muito presente na cidade de Guaíba, recomenda-se a leitura de: ZALLA, Jocelito; MENEGAT, Carla. História e memória da Revolução Farroupilha: breve genealogia do mito. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, nº 62, p. 49-70 – 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/378OCKq>>. Acesso em: 06 de jun. 2020.

<sup>5</sup> No grupo “História de Guaíba” é possível encontrar diversas publicações em que integrantes do grupo compartilharam fotos e vídeos desses locais, registros estes tanto do passado quanto da história recente. Nestas publicações é possível constatar o processo de deterioração e abandono que estes locais se encontram. Visto a dificuldade em encontrar tais fontes disponibilizadas digitalmente, o acervo do grupo é o único registro que posso citar como fonte e referência para os/as leitores/as que não os conheçam. Disponível em: <<https://bitly.com/QGapx>>. Acesso em: 30 de mai. 2020

<sup>6</sup> O grupo é público e pode ser acessado no link: <<https://bitly.com/QGapx>>. Acesso em: 30 de mai. 2020.

artigo, conta com mais de 27 mil participantes, como pode ser constatado ao acessar o grupo<sup>7</sup>.



Imagem 01: Reprodução de publicação feita no grupo “História de Guaíba” em 27 de julho de 2019.<sup>8</sup> Disponível em: < <https://bitly.com/OBi7n>>. Acesso em: 30 de mai. 2020<sup>9</sup>.

### *Grupo “História de Guaíba”*

Devido à pandemia de coronavírus, não pude entrevistar Márcio Crestani pessoalmente, mas conversamos através da internet (um exemplo curioso do quanto o fazer historiográfico está cada vez mais permeado pelos meios digitais).

<sup>7</sup> Conforme referido anteriormente, a cidade de Guaíba conta com aprox. 100,000 habitantes. Obviamente que dos 27 mil membros que fazem parte do grupo no momento da escrita deste artigo, nem todos residem mais no município, porém, o número de participantes ali presentes pode ser considerado expressivo para uma cidade de médio porte. O engajamento nas publicações é outro fator notório, visto que diversas publicações geram centenas de *likes*, comentários e compartilhamentos. Tais dados podem ser constatados em visita ao grupo, que é público e já foi referenciado anteriormente.

<sup>8</sup> As fotos e nomes com a tarja preta são de pessoas que comentaram nas publicações aqui reproduzidas e das quais não procurei para obter autorização para devida reprodução de seu nome e imagem neste artigo, e, portanto, por questões de direito de imagem, optei por preservar as devidas identidades, tanto nessa reprodução quanto nas subsequentes neste mesmo artigo.

<sup>9</sup> Cipreste Farrroupilha e Casa de Gomes Jardim em foto de cartão postal do século XIX. O local é tombado como patrimônio histórico estadual e está aberto à visita do público. Localiza-se na região da cidade conhecida como “Sítio Histórico”, na Rua Quatorze de Outubro, 384, Centro – Guaíba. A casa é de propriedade privada da família Leão, visto que foi adquirida no século XX pelo médico Gastão Leão.

Comentei com ele sobre a dificuldade em se conhecer mais da história do município, desde a obtenção de informações históricas precisas (principalmente que estejam disponíveis online) sobre quem eram as pessoas que dão nome a ruas e escolas da cidade (por exemplo, Ruy Coelho Gonçalves, Inácio de Quadros, Dona Frutuosa, Urias Lugon etc.), até mesmo sobre o que ocorreu na chamada “Casa da Bala”, casarão histórico em ruínas na Rua Coronel Marcos de Andrade, no centro do município. O local ficou popularmente conhecido por esse nome porque abrigou uma fábrica de munições durante a Revolução de 1923 e também devido à sua localização estratégica (é possível avistar toda a extensão do Lago Guaíba). Foi no mesmo local que o jornalista Carlos von Koseritz (1830-1890) foi mantido em cárcere privado sob a mira de armas no contexto da Proclamação da República, por conta de sua posição política de oposição enquanto monarquista. No grupo existem diversas publicações que debatem detalhes específicos com relação à casa e figura de Carlos von Koseritz<sup>10</sup>, como, por exemplo, se esta era de propriedade do jornalista ou se este apenas passou uma temporada visitando o local, onde ocorreu o episódio de seu cárcere. Fontes históricas foram apresentadas por integrantes do grupo que procuraram enriquecer o debate, inclusive com edições do jornal “A Federação”.<sup>11</sup>

Porém, não é minha intenção com este artigo entrar no mérito de tais discussões de caráter específico com relação ao objeto, mas foi através destas que tive contato pela primeira vez com fontes que diziam respeito a um patrimônio histórico tombado da cidade que até então eu só conhecia através de relatos repassados a mim por meus familiares, visto que a casa habita o imaginário popular de muitos cidadãos de Guaíba. A citação a seguir do historiador Serge Noiret descreve tendências dessa “nova” história escrita na web possibilitada pelas

---

<sup>10</sup> Podem ser acessadas em: <<https://bityli.com/gaoHs>> e <<https://bityli.com/2uM97>>. Acesso em: 24 de mai. 2020 e 02 de jun. 2020, respectivamente.

<sup>11</sup> Jornal editado em Porto Alegre a partir de 1883 para disseminar os ideais do PRR (Partido Republicano Rio-Grandense), cujo principal líder foi Júlio de Castilhos. Circulou até 1937, quando um ato do Estado Novo extinguiu os partidos políticos e seus meios de atuação.

tecnologias digitais, semelhante ao movimento que pode ser observado em alguns momentos do grupo “História de Guaíba” (NOIRET, 2015, p. 35):

Por intermédio das práticas de escrita participativa ou mesmo diretamente, qualquer pessoa pode se dedicar ao passado em rede. O recurso a uma espécie de saber comunitário, à participação pública na rede, que vem sendo comumente chamada *crowdsourcing*, sob várias formas e com diversos tipos de conteúdos, trabalho colaborativo e saberes, permitiu a gestão integrada dos conteúdos digitais por parte de quem tenha a possibilidade e o conhecimento para assim proceder [...] Nessa segunda fase, mas também naquela da integração semântica dos dados do 3.0, a *web* deve ser compreendida como história “viva” e “pública”, praticada de forma interativa por todos, e não mais limitada à atividade dos historiadores acadêmicos, que registram digitalmente, com frequência em formato fechado, as próprias publicações tradicionais.

Infelizmente, durante meus anos escolares em Guaíba, não obtive acesso, seja através dos professores ou em livros, a temas e fatos da cidade que não fossem relacionados à Guerra dos Farrapos. Procurando facilitar o acesso às fontes e acontecimentos históricos da cidade – principalmente os que não eram debatidos nos canais e meios de comunicação oficiais do município – Márcio Crestani criou o grupo em 2015. Crestani indicou como seus fatores motivadores o gosto pessoal por história, o amor por Guaíba, a falta de informações históricas disponíveis digitalmente, a ameaça ao patrimônio histórico da cidade (que vem sofrendo com demolições de prédios históricos e com o descaso do poder público<sup>12</sup>) e também para procurar suscitar uma espécie de senso crítico dos cidadãos, ao estimular debates acerca de questões históricas do município através das publicações ali feitas.

---

<sup>12</sup> Observar referência da nota de rodapé de número 5.



Imagem 02: Reprodução de publicação feita no grupo “História de Guaíba” em 28 de julho de 2019 Disponível em: < <https://bityli.com/6f1hA>>. Acesso em: 02 de jun. 2020<sup>13</sup>.

Márcio Crestani iniciou seu levantamento de fontes a partir de seus arquivos pessoais de fotos antigas acerca do município. No entanto, como julgou ter pouco conteúdo para iniciar o grupo, decidiu buscar mais dados e fontes no Museu Carlos Nobre<sup>14</sup>. A museóloga que o atendeu forneceu aproximadamente 200 fotos (o acervo conta com 6.700 fotografias, segundo o website do museu)<sup>15</sup> que retratam diferentes momentos da história de Guaíba e, assim, Crestani pode “alimentar” o grupo diariamente. Porém, as fotos por si só não descreviam o contexto de seu registro. A que período remetia? Que histórias relatavam? O criador do grupo então foi à procura das pessoas mais antigas e idosas do município e, através de entrevistas, foi reunindo as “peças do quebra-cabeça”. Com o crescimento que a plataforma ganhava, Crestani não precisou mais buscar por essas pessoas por conta própria: estas chegaram até ele devido à popularidade do grupo, que foi

<sup>13</sup> “Casa da Bala” em imagem dos anos 1970. Atualmente, a casa, que é tombada, encontra-se em ruínas e com risco de desabamento. Está localizada nos altos da Rua Coronel Marcos de Andrade, S/N, no bairro Engenho, próximo ao Centro – Guaíba.

<sup>14</sup> O prédio que hoje abriga o museu teve múltiplos usos: uma residência, um hotel, a Intendência Municipal e até a Prefeitura Municipal de Guaíba, até se tornar museu em 1992. Seu acervo conta com objetos, fotografias, documentos pessoais, obras artísticas e demais objetos que contam a história do humorista guaibense Carlos Nobre e também da história do município. O Museu está aberto à visitação de segunda à sexta das 09h00 às 17h30, na Av. Sete de Setembro, 460, Centro – Guaíba.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://bityli.com/Ri7RA>>. Acesso em: 28 de mai. 2020.

umentando significativamente. Com o compartilhamento das postagens, vieram mais solicitações de entrada, mais comentários nas publicações, mais pessoas querendo compartilhar suas memórias ali. Dentre estes, por exemplo, foi ali postado por um integrante um acervo fotográfico de diferentes locais de Guaíba durante os anos 1970 e 80, registrado pelos primeiros imigrantes finlandeses, que chegaram à cidade com a instalação da fábrica de celulose da Borregaard, durante o período ditatorial<sup>16</sup>.

Essa interatividade foi viabilizada através do que a historiografia especializada caracterizou como *web 2.0*, uma espécie de inovação da *world wide web* (www) que possibilitou o surgimento de *blogs* e de redes sociais de relacionamento como o *Twitter* e o *Facebook*, que aumentaram ainda mais a interação e o compartilhamento de informações e ideias entre os usuários conectados em rede. O poder de compartilhamento das mídias digitais alcançou tamanha proporção que até mesmo revoluções sociais e protestos em escala global como a Primavera Árabe foram engajados por estas redes. Segundo Fábio Chang de Almeida (2011, p. 14):

Na prática, a *web 2.0* significou uma mudança de mentalidade dos desenvolvedores de *sites* da Internet. A partir da aplicação de conhecimentos técnicos preexistentes, passou-se a valorizar a interatividade entre os usuários e os *sites*. Com base nesta interatividade, os usuários passaram a colaborar de forma ativa com a melhoria das páginas, ou mesmo com a construção de novas páginas. Ferramentas mais simples para a criação de *sites* foram disponibilizadas, aumentando drasticamente o número de pessoas que se aventuram na construção de páginas na Internet. Conforme Ian Davis (2005), *web 2.0* é uma atitude, não uma tecnologia, e diz respeito a possibilitar e encorajar a participação dos internautas através de aplicativos e serviços abertos.

Com a expansão da plataforma, enriquecida com as fotografias e com as entrevistas que Crestani conseguiu reunir, outro importante local de memória da

---

<sup>16</sup> Sobre a instalação da Borregaard em Guaíba, recomenda-se a leitura de: PEREIRA, Elenita Malta. Meio ambiente e ditadura no Brasil: a luta contra a Celulose Borregaard (1972-1975). In: Revista de História Ibero-americana, vol. 7, n. 2, 2014 disponível em <<https://bityli.com/1fbKc>>. Acesso em 28 de mai. 2020.

cidade fez uma contribuição. A Biblioteca Pública Municipal Darcy Azambuja<sup>17</sup> doou um acervo de jornais antigos que possuía em número repetido e, assim, Crestani conseguiu outro importante aporte de fontes, um dentre poucos dos registros escritos e publicados que relatam a história recente do município (do século XX em diante). E foi selecionando algumas notícias e anúncios dos jornais para publicação no grupo, podendo assim disponibilizar ainda mais informações acerca da história do município de maneira online.

Apesar da popularidade em curto prazo alcançada pelo grupo, Crestani relata que nem sempre tudo foi tranquilidade: muitas pessoas tidas como “importantes” no cenário guaibense o interpelaram de maneira negativa depois da divulgação de informações históricas da cidade no *Facebook*. Por que não há interesse e ainda pode se notar incômodo, de alguns personagens de influência local no conhecimento da história de seu município pelos cidadãos? É necessário que se conheça somente a história oficial, limitada a um episódio da Guerra dos Farrapos, pois é o que condiz com o potencial turístico e com o discurso oficial da cidade<sup>18</sup> e que não mexe em memórias que causam atrito? É importante reforçar, conforme já citado anteriormente, que as redes são importantes catalisadores sociais: “É nesses espaços [facebook, twitter dentre outros], em grande medida, que acontece a política e o engajamento social nos dias de hoje, além de serem essas redes lugares privilegiados para a formação da opinião pública.” (CARVALHO, 2014, p. 173).

A falta de vontade política em divulgar e ampliar o conhecimento acerca da história da cidade foi um dos catalisadores para a criação do grupo, conforme já citado anteriormente, visto que o patrimônio histórico de Guaíba sofre com o

---

<sup>17</sup> A biblioteca localiza-se na Rua Cel. Serafim Silva, S/N, Centro – Guaíba. Está aberta a visitação de segunda à sexta-feira das 08h às 17h30.

<sup>18</sup> No site oficial da Prefeitura de Guaíba, estão elencados os principais pontos turísticos da cidade segundo o órgão, dentre eles, aquele que diz respeito à Revolução Farroupilha. É também possível ver o Matadouro São Geraldo na lista, cuja estrutura está ruindo e desabando (ver nota de rodapé a seguir). Vale reforçar que o local, apesar de tombado, é de propriedade privada e não é aberto para visitação pública. Disponível em: <<https://bit.ly/2XWopfh>>. Acesso em: 12 de jun. 2020.

descaso. Os exemplos são inúmeros: o Matadouro São Geraldo (parte da estrutura ruiu e desabou)<sup>19</sup>, o Mercado Público Municipal, a “Casa da Bala”, a Ilha Pedras Brancas (Guaíba conquistou o direito de exploração sobre a ilha em 2006, mas este é subutilizado)<sup>20</sup>, o Ginásio Municipal Ruy Coelho Gonçalves (“Coelhão”), o Marco Farroupilha (que está localizado em outro ponto da cidade, mais distante da “Casa de Gomes Jardim”)<sup>21</sup>, o próprio Museu Carlos Nobre, que carece de manutenções.<sup>22</sup>

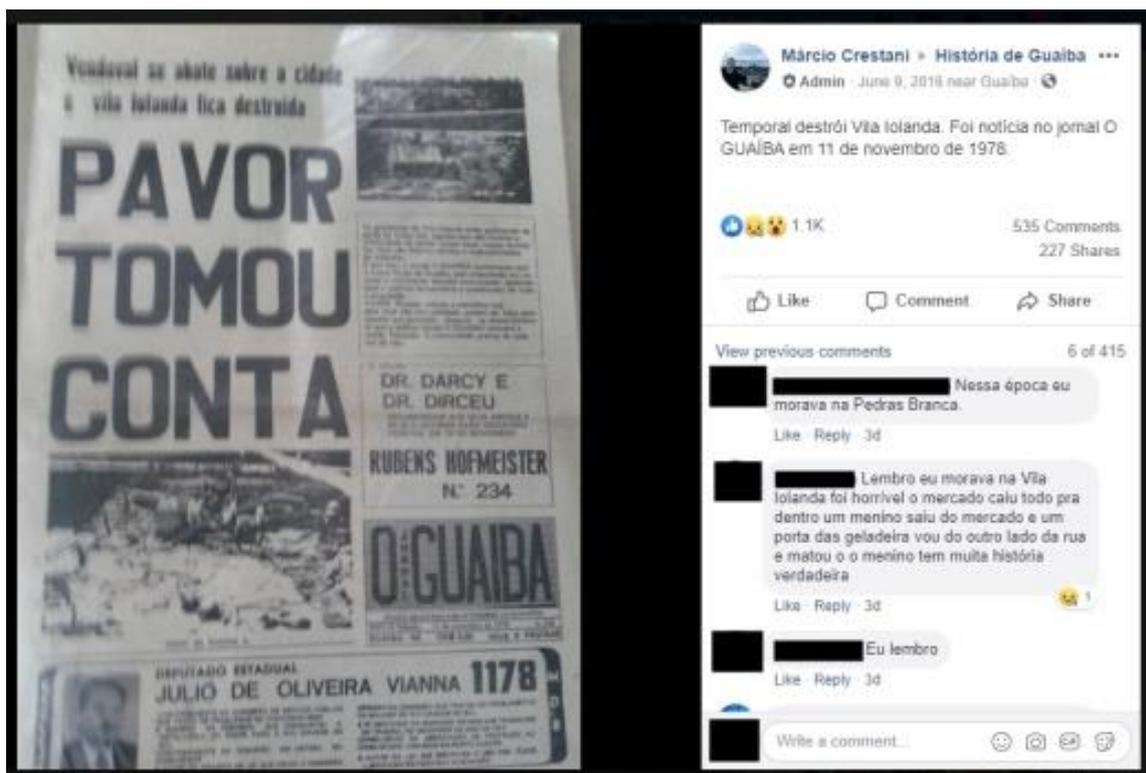


Imagem 03: Reprodução de publicação feita no grupo “História de Guaíba” em 6 de junho de 2016.

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/2WEXAep>>. Acesso em: 21 de jul. 2020.

<sup>20</sup> Localizada no Rio Guaíba, a 2.2km de Guaíba e 2.5km de Porto Alegre, a Ilha Pedras Brancas ou “Ilha do Presídio”, era originalmente um depósito de pólvora no século XIX, depois abrigou instalações laboratoriais e por fim foi transformada em presídio de segurança máxima em 1956, abrigando presos políticos durante a Ditadura Militar (1964-1985). É tombada pelo IPHAE desde 2014. Seu potencial turístico, dado a grande importância histórica do local, infelizmente é pouco explorado.

<sup>21</sup> Apesar de também fazer parte da memória que diz respeito à Guerra dos Farrapos, o Marco Farroupilha está localizado no Balneário Alegria, uma área mais distante da parte central da cidade (onde estão localizados os pontos de visitação mais procurados) e que não possui, nos dias de hoje, atrativos turísticos para serem explorados. A área é atualmente ocupada em grande parte pela fábrica de celulose da CMPC (antiga Borregaard). Existem projetos que propõem a revitalização da área.

<sup>22</sup> Para constatar tal fato, observar nota de rodapé de número 5.

Disponível em: <<https://bityli.com/115vZ>>. Acesso em: 28 de mai. 2020<sup>23</sup>.

Atualmente, com mais de 27 mil participantes, o acervo do grupo conta com mais de 13 mil imagens, reportagens de jornais e vídeos, postados por diferentes pessoas, que retratam diferentes épocas e acontecimentos históricos da cidade de Guaíba, e o engajamento dos participantes já bateu a marca de 380 mil curtidas, comentários e compartilhamentos, segundo dados que o próprio *Facebook* forneceu ao criador do grupo. Tais índices de interatividade, além de demonstrar o interesse dos participantes em conhecer ou lembrar fatos, locais e cidadãos históricos da cidade, também vai ao encontro com o sucesso que as plataformas digitais, em especial o *Facebook*, possuem no momento atual (CARVALHO, 2014, p. 173):

Segundo dados da *We are Social*, agência multinacional especializada em pesquisas de mídias sociais, 26% da população mundial (ou 74% das pessoas com acesso a internet) participavam, em janeiro de 2014, de alguma rede social *online*. O Brasil se destaca. O país, que possui 49% de sua população conectada à internet, é o segundo país com o maior número de usuários no Facebook – maior rede social do mundo, com 1,4 bilhão de usuários: 65 milhões de pessoas, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (Arno, 2013). A vice-liderança levou a revista americana *Forbes* a publicar em 2013 um artigo intitulado “The Future of Social Media? Forget about the U.S., Look to Brazil” (Homes, 2013). O Brasil é ainda o terceiro país latino-americano que mais acessa o Facebook em celulares ou *tablets*. Se os brasileiros que participam da rede social criada por Mark Zuckerberg formassem um “novo país”, este seria o vigésimo país em população no mundo.

Dentre os registros postados no grupo, que seriam impossíveis de citar aqui em sua totalidade, estão as visitas de dois ex-presidentes à Guaíba (o ditador militar João Figueiredo, na inauguração dos bairros Cohab/Santa Rita<sup>24</sup>, em 1982, e Luís

---

<sup>23</sup> Jornal “O Guaíba” de 11 de novembro de 1978, noticiando a destruição do bairro Vila Iolanda após passagem de um vendaval. Percebe-se a grande interação dos participantes do grupo com a postagem, tendo mais de mil curtidas, 535 comentários e 227 compartilhamentos. Muitos participantes que vivenciaram fatos da época utilizam a caixa de comentários para descrever suas memórias.

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/2XWtLHg>>. Acesso em: 12 de jun. 2020.

Inácio Lula da Silva, em 1984<sup>25</sup>, apoiando o movimento de moradores do bairro Colina e participando da inauguração do sindicato dos metalúrgicos do município), a enchente de 1941, que castigou a cidade (já referenciada anteriormente), e as histórias de antigos moradores que ficaram amplamente conhecidos como “o velho dos cachorros”<sup>26</sup> e a “velha dos gatos”<sup>27</sup> por seu apreço e proteção pelos animais - e assim acabaram na memória e imaginário popular da cidade.

Detalhe interessante é que o grupo não é restrito somente aos registros do passado, mas também é aberto aos registros do presente – muitos moradores fazem contribuições com fotos e filmagens da história recente. Não é difícil encontrar no grupo fotos atuais de locais históricos com legendas críticas que evidenciam o descaso com o patrimônio da cidade, como, por exemplo: “vou me adiantar e colocar as fotos aqui, antes que derrubem [o prédio histórico]”<sup>28</sup>.

Registros mais atuais também são de grande valor para aqueles que não moram mais na localidade e encontram no grupo uma alternativa para acompanhar as mudanças que vão ocorrendo, além de sentir certa dose de nostalgia ou aplacar as saudades do lugar, ponto que foi observado pelo historiador Fábio Chang de Almeida (2011, p. 13), ao citar o sociólogo Pierre Lévy, que cunhou um termo muito utilizado nas Humanidades Digitais, que é a Cibercultura<sup>29</sup>:

Lévy aponta uma característica essencial da Internet, que acaba por modificar a visão de mundo dos seus usuários: a aparente redução das distâncias. De certa maneira, o ciberespaço aboliu o território geográfico no âmbito das comunicações, tornando possível a circulação praticamente instantânea de informações em escala mundial: “Um computador e uma conexão telefônica dão acesso a quase todas as informações do mundo,

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/2UGUxkS>>. Acesso em: 12 de jun. 2020.

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/3hq0Jau>>. Acesso em: 12 de jun. 2020.

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/3fkiUN0>>. Acesso em: 12 de jun. 2020.

<sup>28</sup> Para citar apenas um exemplo de manifestações do gênero: <<https://bit.ly/2MSOI57>>. Acesso em: 14 de jun. 2020.

<sup>29</sup> “Segundo Marcos Silva a Cibercultura pode considerada “o mais recente e avançado espaço de produção cultural da humanidade” (SILVA, 2012:257), espaço de produção de novas formas de expressão cultural, como expressões a blogosfera, a ciberarte (web arte), a poesia digital, a ciberjornalismo, as comunidades virtuais, a cibercidadania, a ciberpsicologia e a cibergeografia (SILVA, 2012:256).” (SILVA apud LUCCHESI, 2013, p. 3).

imediatamente ou recorrendo a redes de pessoas capazes de remeter a informação desejada. [...]”. Meditemos um instante sobre uma frase de Fernand Braudel: “Cada dispositivo de transporte e de comunicação modifica o espaço prático, isto é, as proximidades efetivas.” (LÈVY, 1999, p. 199)

Acerca de tais registros do tempo presente, Crestani relata que recebeu reclamações de alguns membros, os quais acreditam que o grupo deveria permitir apenas contribuições de imagens e vídeos que representassem unicamente o passado. Seu contra-argumento a favor dos registros da história recente da cidade foi que, além de serem muito apreciados por aqueles que vivem longe de Guaíba, um dia tais registros seriam também um passado distante a ser estudado pelas gerações posteriores, a exemplo das publicações antigas que deram origem ao grupo.

Crestani reforça que o grupo é aberto a contribuições de todos, o que é inclusive estimulado, para que mais memórias e registros possam ser compartilhados. Porém, as publicações precisam ser previamente aprovadas por algum dos administradores, pois é muito comum que sejam encaminhadas manifestações do gênero político-partidário ou propagandas comerciais, o que é vedado para que não se fuja dos propósitos do grupo. São proibidas também postagens e comentários que sejam ofensivos a qualquer pessoa, seja esta falecida ou não. O criador do grupo relata alguns casos curiosos de postagens que teve de apagar a pedidos de terceiros, como, por exemplo, imagens de casarões antigos que renderam diversos comentários de que tais imóveis seriam “mal assombrados” e “habitados por fantasmas” [sic]. Quando os proprietários tomam ciência de tais comentários, entram em contato com Crestani pedindo a remoção da publicação, o que é prontamente atendido.

Acerca do alcance do grupo para além da internet, Crestani cita a realização de uma exposição intitulada “Memória e História de Guaíba através da Fotografia”, no Museu Carlos Nobre, em 2018; uma visita à Escola Municipal de Ensino Fundamental Inácio de Quadros (no bairro Coronel Nassuca) também em 2018,

para falar sobre a história guaibense; uma reportagem no Jornal Costa Doce,<sup>30</sup> em 2019, e dois encontros entre os/as colaboradores/as mais ativos do grupo para discussão de assuntos pertinentes à história do município, ambos em 2015.

### *Acessibilidade de acervos – ou o fazer histórico na contemporaneidade digital*

Não é meu objetivo, neste curto artigo, realizar uma revisão bibliográfica acerca da História Pública e História Digital, mas sim apresentar um caso de uma plataforma que contribuiu para o acesso a fontes e fatos históricos de um município, o que tem grande relação com os domínios de História Pública e História Digital – e com a interface entre eles. Sendo a História Pública uma corrente que surgiu nos anos 1970 com a intenção de expansão do trabalho historiográfico para além da academia, visando atingir novos públicos e diferentes realidades, as tecnologias digitais vieram a somar-se nessa “equação historiográfica” (NOIRET, 2015, p. 42):

*A public history* beneficiou-se enormemente do impacto do digital nas atividades tradicionais que envolvem públicos, mesmo sem ser acadêmicos [...] As práticas, os diferentes profissionais, as linguagens e os públicos da história pública tradicional beneficiaram-se enormemente da conexão em rede para modificar as práticas de comunicação dirigidas a públicos diversos. A passagem à era digital apenas inseriu outras dimensões para aperfeiçoar a tarefa específica da *public history*, qual seja, a de interpretar o passado de comunidades específicas e de comunicar a história e as memórias coletivas por todos os meios e as mídias à disposição [...] Mais do que em outras disciplinas, a *web* e o digital reforçaram, no campo da história pública, práticas profissionais já consolidadas, expandindo-as ou abrindo-as para outros públicos, com novos instrumentos de difusão e de comunicação de conteúdos na era digital. A virada digital e a rede foram as primeiras a abrir, e logo a responder, às necessidades prementes da sociedade de proteger as identidades, a cultura e as memórias coletivas locais e promovê-las globalmente.

---

<sup>30</sup> Disponível em: <<https://bityli.com/DbGS7>>. Acesso em: 29 de mai. 2020.

Sendo assim, o surgimento e definição da História Digital foi descrito por uma vasta gama de autores/as da historiografia especializada. Segundo os/as autores/as aqui consultados:

Nos Estados Unidos, o surgimento da chamada Digital History pode ser localizado nos anos 90, quando no Center For History and New Media (CHNM) da Universidade George Mason foram desenvolvidos projetos na área das novas mídias. Neste espaço, foram pensadas propostas em prol da preservação do passado, através de iniciativas que usavam tecnologias de informática que buscavam democratizar o acesso e a manipulação de conteúdos históricos na internet (MOREIRA & OLIVEIRA apud OLIVEIRA, 2016, p. 60).

A história digital poderia assim ser definida como todo o complexo universo de produções e trocas sociais tendo por objeto o conhecimento histórico, transferido e/ou diretamente gerado e experimentado *em* ambientação digital (pesquisa, organização, relações, difusão, uso público e privado, fontes, livros, didática, desempenho e assim por diante). (NOIRET apud MONINA, p. 2015, p. 33).

Atualmente, há muitas outras definições e perspectivas correntes para *história digital*. Na Itália, por exemplo, os italianos preferem falar em *storiografia digitale*. Além disso, há ainda os que enxergam a *história digital* como uma espécie de sub-ramo da história pública [...]. De uma forma geral, ainda se discute se a *história digital* é movimento, campo, área ou metodologia. E, dada a fluidez de quase tudo o que é inerente à cibercultura, é perfeitamente normal que essas definições sejam ainda flutuantes e inexatas (CARVALHO, 2014, p. 171).

Tendo por objetivo promover ainda mais a divulgação de fontes e acervos históricos, sendo de grande auxílio para a corrente da História Pública – vindo a nascer um novo termo da união de ambos (História Pública Digital) – o saber tecnológico no fazer historiográfico facilitou não apenas para que historiadores profissionais e acadêmicos diminuam custos em suas pesquisas ou tenham maior espaço de difusão para seus trabalhos, mas também para que o grande público tenha acesso a conteúdos provavelmente indisponíveis sem os recursos da internet. Um exemplo dessa tendência é dado pelo criador do grupo “História de Guaíba”.

Crestani relata que o grupo trouxe algumas facilidades para estudantes que vão até o grupo procurar informações para seus trabalhos escolares (visto que as

novas gerações estão cada vez mais integradas às tecnologias digitais) e também para um/a trabalhador/a que deseja conhecer mais sobre sua cidade, mas não consegue visitar os locais de pesquisa (os já citados Museu Carlos Nobre e Biblioteca Pública Darcy Azambuja) que funcionam em horário comercial, em conflito com os horários de trabalho, em especial para aqueles empregados em outras cidades (Guaíba ainda é conhecida como “cidade dormitório”) e até mesmo para muitas pessoas que tiveram de deixar Guaíba e vivem longe desta, mas sentem falta dos momentos que ali viveram e desejam conhecer mais sobre a cidade. Sobre iniciativas como essa, que promovem a acessibilidade dos acervos históricos, o historiador Dilton Maynard discorre (2016, p. 111):

[...] abre[m] espaço para o debate sobre a acessibilidade, pois de nada adianta guardar material se ele não estiver disponibilizado. Cohen e Rosenzweig observam que a obtenção de um público mais amplo é uma das preocupações frequentes entre os historiadores. E esta pretensão ganha com a Internet e as novas tecnologias da informação, importantes auxiliares para concretizar-se. Por outro lado, o acesso instantâneo a fontes primárias e secundárias, bem como a habilidade para muito rapidamente produzir conexões, provocam mudanças significativas na forma de pesquisar e de escrever a história (2006). Consequentemente a Internet permite aos historiadores falar a um público mais vasto, mais disperso, sem que os custos para isto sejam ampliados. Importantes iniciativas têm possibilitado a democratização de acervos.

Ora, se vivemos em uma época onde as tecnologias digitais se fazem cada vez mais presente no fazer historiográfico, é necessário que estas sejam utilizadas em favor do trabalho do historiador – e da divulgação do conhecimento histórico, ainda mais em contextos como o de uma cidade onde as informações acerca de seu passado não são amplamente divulgadas. Além da facilidade no acesso de acervos públicos ao digitalizá-los, o grupo ainda ajudou a promover a disponibilização de acervos privados, ao possibilitar que terceiros compartilhem suas memórias pessoais na plataforma digital, sem precisar abrir mão de seus acervos físicos (como ocorre em casos de doação de acervos particulares a órgãos públicos).

As contribuições também vêm em forma de

correções de antigos “causos” de natureza detalhista que eram contados (e ainda o são) à exaustão pelo município: o de que a Princesa Isabel teria pernoitado em Guaíba (quando esta ainda era um distrito de Porto Alegre e se chamava Pedras Brancas) em 21 de janeiro de 1885. Graças a uma carta escrita pela princesa na época, que foi localizada por uma integrante do grupo que a compartilhou com os demais na plataforma, descobriu-se que a princesa apenas visitou (e não pernoitou) no distrito por algumas horas, e um de seus pontos de parada foi uma casa, preservada até os dias de hoje, na Rua Pedras Brancas. Casos assim também são descritos por Dilton Maynard (2016, p. 112):

A relação com o público ganha na preocupação com a interatividade um destaque importante. Afinal de contas, ela estabelece diferentes e múltiplas formas de diálogo histórico. Temos aí uma imensa possibilidade de transformação da prática histórica, de ampliar as formas de levantamento de fontes, de troca de informação, de redução nos custos das pesquisas e na ampliação no compartilhamento de trabalhos. A Rede trouxe consigo um leitor que se encontra em posição diferenciada. Se o texto chega ao ciberespaço, este novo público pode corrigir, colaborar com o envio de dados, divulgar e até corrigir a pesquisa.



Imagem 04: Reprodução de publicação feita no grupo “História de Guaíba” em 17 de agosto de 2019 Disponível em: <<https://bitly.com/ojSul>>. Acesso em: 29 de mai. 2020<sup>31</sup>.

<sup>31</sup> Registro de uma família no Balneário da Alegria, em 1936. Os balneários Alegria, Florida e Vila Elsa foram um sucesso de público em todos os veraneios até a instalação da fábrica da Borregaard em Guaíba, quando o mau cheiro e a poluição foram gradativamente tornando as águas impróprias para banho e afastando os veranistas. Até então, centenas de pessoas chegavam nos vapores, cruzavam o

Conclusões bem similares foram compartilhadas pela historiadora Anita Lucchesi (2013, p. 13):

Outra mudança, esta menos quantitativa e mais qualitativa da Web é sua *interatividade*. Rosenzweig e Cohen destacam-na pois esta inaugura uma nova relação com o conteúdo histórico em que todo ponto de consumo é – pode ser também – ponto de produção. Esta interatividade possibilita múltiplas formas de diálogos sociais, não apenas entre historiadores profissionais, mas entre profissionais e não-profissionais, professores e estudantes, estudantes e estudantes e todas as pessoas que estiverem de alguma maneira refletindo sobre o passado na rede. Pense-se à possibilidade dos *feedbacks* via comentários em blogs e sites Web afora, sem falar dos fóruns, redes sociais e jogos online.



Imagem 05: Reprodução de publicação no grupo “História de Guaíba” em 21 de setembro de 2015Disponível em: <<https://bityli.com/tWNgG>>. Acesso em: 01 de jun. 2020<sup>32</sup>.

trapiche (foto) e se hospedavam nos hotéis da região, em sua maioria de propriedade de imigrantes alemães. Atualmente, as águas seguem impróprias para banho.

<sup>32</sup> Contribuição ao grupo “História de Guaíba” de autoria da restauradora de arte Simone Steigleder Botelho. Após pesquisa no repositório digital da UNISINOS, Simone encontrou um trecho de uma carta da Princesa Isabel que descrevia a visita por Pedras Brancas (nome antigo da localidade onde

Com este artigo de caráter sintético, e que não pretende esgotar as possibilidades de discussão, podemos observar o quanto a história de Guaíba é rica, cheia de “causos” envolvendo personalidades históricas e também as pessoas anônimas do município. Seu patrimônio, também muito rico e com potencial turístico e educacional imenso, infelizmente é pouco explorado e extremamente mal valorizado pelas autoridades das diferentes esferas públicas. Coube aos cidadãos comuns do município (e também aos órgãos públicos que fizeram suas contribuições), com o ato de compartilhar suas memórias pessoais, seja através de suas experiências próprias ou de pesquisas acadêmicas, criar uma espécie de “válvula de escape” dentre os discursos oficiais que foram escolhidos para representarem oficialmente a cidade. Verifica-se também que criou-se uma rede que ultrapassou os limites do município (visto que muitas pessoas tiveram de deixar a cidade, mas ainda conservam suas memórias pessoais do tempo que ali viveram) de compartilhamento e discussão acerca das questões históricas de Guaíba. Tal fenômeno também é descrito por Serge Noiret (2015, p. 41-43):

Essa presença exuberante do “passado” em rede responde, com a mediação digital, a uma profunda necessidade de reaproximar as memórias individuais, familiares, coletivas e comunitárias do passado local, regional e nacional em nossas sociedades globalizadas [...] Vimos como os indivíduos e suas comunidades se envolvem diretamente no registro de sua história, fornecendo memórias e testemunhos individuais para uma construção de arquivos da memória coletiva e percursos de história oral. Com a rede, indivíduos, comunidade, grupos de trabalho, podem criar espaços de história e fazê-los viver em sintonia com comunidades específicas, promovendo-os globalmente e envolvendo no campo internacional os membros dispersos das mesmas comunidades com um público potencialmente universal.

Obviamente, o grupo “História de Guaíba” não é a única iniciativa do gênero presente na internet e nas redes sociais. Outro projeto muito similar, somente para

---

hoje é Guaíba). Ao contrário do que era descrito oralmente por moradores do município e foi sendo transmitido através das gerações, a princesa não pernoitou na casa da Rua Pedras Brancas, mas apenas a visitou de passagem, saboreando um doce de figo no local e tendo partido no mesmo dia.

citarmos mais um caso próximo, é o site “Viamão Antigo”<sup>33</sup>, administrado pelo publicitário Paulo Lilja. Viamão, cidade também localizada na Região Metropolitana de Porto Alegre, foi a primeira capital do Estado do Rio Grande do Sul. Em seu site, e na página homônima do *Facebook*, Lilja compartilha fotos antigas das diferentes localidades de Viamão, além de *podcasts* e entrevistas com historiadores e personalidades do município. Apesar de não ser nosso objetivo neste artigo discutir a história de Viamão, nem propor uma comparação entre as duas iniciativas, acreditamos que tenha sido possível perceber o quanto a acessibilidade de acervos históricos levada a cabo através das tecnologias digitais tem sido bem recebida pelo grande público e o aproxima da história, memória e identidade de suas localidades.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos*. Porto Alegre, v.3, n. 8, p.9-30, jan./jun. 2011.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Faça aqui o seu *login*: os historiadores, os computadores e as redes sociais *online*. *Revista História Hoje*, v. 3, n. 5, p. 165-188, 2014.

LUCCHESI, Anita. A história sem fio: questões para o historiador da Era Google. In: Encontro Regional de História da ANPUH-Rio, 15., 2020, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012, p. 1-9.

\_\_\_\_\_. História e historiografia digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH*. Natal, jul. 2013, p. 1-17.

---

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://bityli.com/W2ig8>> e <<https://bityli.com/DSYep>>. Acesso em 02 de jun. 2020.

\_\_\_\_\_. Histórias no Ciberespaço: Viagens sem Mapas, sem Referências e sem Paradeiros no Território Incógnito da Web. **Cadernos do Tempo Presente**, Aracaju, Edição n. 06, p. 01-17, 06 de janeiro de 2012.

\_\_\_\_\_. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. Aracaju, **Boletim Historiar**, n. 02, p. 45-57, mar./abr. 2014.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Passado eletrônico: notas sobre história digital. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 103-116, jul./dez. 2016.

MOREIRA, Igor Lemos; OLIVEIRA, Márcia Ramos de. Impressos virtuais: estudos de caso e reflexões sobre História Digital e História Pública. **Revista PerCursos**, Florianópolis, v. 17, n. 34, p. 52 -67, maio/ago. 2016.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, maio. 2015.